A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO COM AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ARRIETE MARCOLINO DOS SANTOS SOUZA

Resumo
Este trabalho teve como objetivo analisar a importância das múltiplas linguagens da arte como prática pedagógica para o desenvolvimento integral da criança e como elas são utilizadas na educação infantil, abordando a importância do trabalho do professor e o seu conhecimento a respeito do tema. O modelo adotado foi a pesquisa bibliográfica exploratória realizada a partir de trabalhos já publicados em periódicos e anais de eventos científicos em bases de dados consistentes e confiáveis na internet. A análise comparativa dos trabalhos confirmou a importância de trabalhar a linguagem em suas várias formas de manifestação, como o desenho, a dramatização, o movimento, a linguagem corporal, gestual, musical e o próprio brincar, permitindo que as crianças compartilhem sua visão de mundo e revelem sentimentos, emoções e valores. O trabalho pedagógico com as múltiplas linguagens proporciona à criança experiências que resultam no desenvolvimento social e cultural em suas múltiplas representações e manifestações.

Palavras-chave: Múltiplas Linguagens. Educação Infantil. Práticas Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (2010), a criança é um sujeito histórico e de direitos que através das interações, relações e práticas que vivenciam no seu cotidiano, constroem sua identidade pessoal e coletiva brincando, imaginando, fantasiando, desejando, aprendendo, observando, experimentando, narrando, questionando e construindo sentidos sobre a natureza e a sociedade além de produzirem cultura. Partindo desse princípio, considera-se que as múltiplas linguagens na educação infantil representam um universo rico em possibilidades que potencializam o trabalho pedagógico contribuindo para que as crianças construam sua identidade.

As transformações provocadas pelo uso das tecnologias digitais, a globalização e as novas formas de comunicação fizeram surgir uma sociedade na qual a comunicação ultrapassa a decodificação do código escrito e tornou-se um processo em que o sujeito precisa desenvolver um trabalho ativo de construção de significados.

Incentivar o potencial criador do indivíduo é essencial para que ocorra uma verdadeira educação. A liberdade no ato de criar pressupõe autonomia, e, nesse sentido, o ensino de arte desempenha um papel importante para o desenvolvimento da autonomia, sem a qual não é possível ao homem o pensamento crítico e a transformação da sua realidade.

O desenvolvimento do trabalho apresenta a visão de diversos autores sobre a importância das múltiplas linguagens para o desenvolvimento da criança e sobre a formação de professores para inseri-las no cotidiano da educação infantil.

DESENVOLVIMENTO

De acordo com Gobbi (2010), no senso comum, o termo “linguagem” está relacionado apenas à linguagem verbal e escrita e, geralmente, o nível de importância que lhe é conferido inibe a curiosidade por conhecer as demais formas por meio das quais a expressividade humana pode se manifestar, particularmente quando se diz respeito às crianças.

A visão de Pontes (2001, p. 68) sobre o trabalho com múltiplas linguagens corrobora esse pensamento:

Concebendo as linguagens como produtos culturais inventados pelos humanos para interagirem com o entorno, pode-se afirmar que as crianças constroem os significados para sua atuação no mundo através das palavras e da escrita e também através da música, da dança e das representações visuais e cênicas Essas manifestações simbólicas são formas de representação e instrumentos de expressão e comunicação, que possibilitam a ação sobre o ambiente e a construção da identidade da criança.

Na concepção de Ellwanger (2011), tanto a ciência quanto a arte respondem à necessidade humana de organizar o mundo de forma que possa compreendê-lo, buscando um sentido para a própria vida. Para tanto, o homem cria objetos de conhecimento que, somados às relações estabelecidas em sociedade, compõem um conjunto de manifestações simbólicas que caracterizam uma cultura. Dessa forma, ciência e arte são produtos que expressam as representações imaginárias das diferentes culturas, renovadas com o passar dos tempos e que representam o percurso da história humana.

A BNCC prevê a abordagem das linguagens articuladas, simultânea e indissociavelmente, em seis dimensões:

- Criação: refere-se ao fazer artístico, quando os sujeitos criam, produzem e constroem. Trata-se de uma atitude intencional e investigativa que confere materialidade estética a sentimentos, ideias, desejos e representações em processos, acontecimentos e produções artísticas individuais ou coletivas. Essa dimensão trata do apreender o que está em jogo durante o fazer artístico, processo permeado por tomadas de decisão, entraves, desafios, conflitos, negociações e inquietações.
- Crítica: refere-se às impressões que impulsionam os sujeitos em direção a novas compreensões do espaço em que vivem, com base no estabelecimento de relações, por meio do estudo e da pesquisa, entre as diversas experiências e manifestações artísticas e culturais vividas e conhecidas. Essa dimensão articula ação e pensamento propositivos, envolvendo aspectos estéticos, políticos, históricos, filosóficos, sociais, econômicos e culturais.
- Estesia: refere-se à experiência sensível dos sujeitos em relação ao espaço, ao tempo, ao som, à ação, às imagens, ao próprio corpo e aos diferentes materiais. Essa dimensão articula a sensibilidade e a percepção, tomadas como forma de conhecer a si mesmo, o outro e o mundo. Nela, o corpo em sua totalidade (emoção, percepção, intuição, sensibilidade e intelecto) é o protagonista da experiência.
- Expressão: refere-se às possibilidades de exteriorizar e manifestar as criações subjetivas por meio de procedimentos artísticos, tanto em âmbito individual quanto coletivo. Essa dimensão emerge da experiência artística com os elementos constitutivos de cada linguagem, dos seus vocabulários específicos e das suas materialidades.
- Fruição: refere-se ao deleite, ao prazer, ao estranhamento e à abertura para se sensibilizar durante a participação em práticas artísticas e culturais. Essa dimensão implica disponibilidade dos sujeitos para a relação continuada com produções artísticas e culturais oriundas das mais diversas épocas, lugares e grupos sociais.
- Reflexão: refere-se ao processo de construir argumentos e ponderações sobre as fruições, as experiências e os processos criativos, artísticos e culturais. É a atitude de perceber, analisar e interpretar as manifestações artísticas e culturais, seja como criador, seja como leitor (BRASIL, 2016, p. 192-193)

Para Freires et al (2016), a arte se comunica conosco e que ela em si é uma linguagem que apresenta uma gramática, uma sintaxe e uma morfologia próprias, que são signos, desenhos, ícones gráficos, cores, imagens e tudo mais que se possa visualizar. O ser humano cria seus próprios símbolos de representatividade do mundo, tanto imaginário quanto real, que são o produto do processo de comunicação e por meio da qual se articula a linguagem.

Sobre as linguagens artísticas, Pontes (2001) afirma que são formas de expressão e comunicação cuja característica peculiar é um conjunto de produtos e fazeres construídos socialmente. Ainda que a criança não tenha acesso a um repertório que remeta especificamente à Arte, ela utiliza as linguagens artísticas para a compreensão e a representação de outros sistemas simbólicos, o que faz com as linguagens artísticas tenham uma dupla significação no âmbito escolar: atuar como canais de comunicação e expressão que envolva quaisquer das demais áreas de conhecimento e como fonte de estudos sobre a construção histórica que as estabelece como uma área de conhecimento.

A prática das linguagens artísticas na esco-

la, para Pereira (2010), especificamente na educação infantil, permite que a criança crie símbolos que a auxiliem a expressar suas ideias, utilizando sons, desenhos, falas, movimentos, brincadeiras etc. Quanto mais a criança é solicitada a usar a simbologia, mais expande sua capacidade de comunicação e expressão, o que demonstra que há uma rede na qual os símbolos, a comunicação e a expressão estão interligadas.

Seguindo a mesma visão, Gobbi (2010, p. 2) apresenta a seguinte reflexão:

É importante que as crianças tenham oportunidade para debater, expor suas ideias, argumentar, criticar, relacionar-se com os outros e com isso conhecer formas antigas e inventar novos modos de representar o mundo, bem como, criar espaços de favorecimento às expressões de suas ideias e a materialização das mesmas, pelas crianças, sendo consideradas como sujeitos que constroem seu crescimento nas constantes relações com os outros e o meio social, histórico, cultural no qual estão inseridas.

No mundo contemporâneo, conforme Klausen (2013, p. 13) vivemos o estímulo visual de forma recorrente, pois as imagens circulam nos mais diversos meios de comunicação e, com a ajuda da internet, chegam até os lugares mais longínquos. As imagens possuem interpretações, pois "[...] são formas estruturadas a partir de certa cultura, uma ideologia e as aulas de artes visuais podem contribuir pra o desenvolvimento e a apropriação críticas dessas imagens".

Concordando com essa com essa concepção, Silva et al (2010, p. 97) acrescenta:

Artes visuais, como um conjunto de manifestações artísticas, compreendem todo o campo de linguagem e pensamento sobre olhar e sentido do ser humano. As Artes que normalmente lidam com a visão como seu meio principal de apreciação costumam ser chamadas de Artes Visuais. Porém as artes visuais não devem ficar restringidas apenas ao visual, pois, através dessas manifestações artísticas (desenho, pintura, modelagem, recorte colagem entre outros), há vários significados que o artista deseja passar.

De acordo com Silva et al (2010), as novas formas de produção artística oportunizadas pelas novas tecnologias provocou uma profusão de cores, formas e movimento. Recursos gráficos, web designs, montagens de fotografias, vídeos representam a atualização e a modificação das artes visuais, sem, contudo, desconsiderar a expressão de ideias e sentimentos.

Segundo as recomendações da BNCC para as artes visuais:

As Artes visuais são os processos e produtos artísticos e culturais, nos diversos tempos históricos e contextos sociais, que têm a expressão visual como elemento de comunicação. Essas manifestações resultam de explorações plurais e transformações de materiais, de recursos tecnológicos e de apropriações da cultura cotidiana. As Artes visuais possibilitam aos alunos explorar múltiplas culturas visuais, dialogar com as diferenças e conhecer outros espaços e possibilidades inventivas e expressivas, de modo a ampliar os limites escolares e criar formas de interação artística e de produção cultural, sejam elas concretas, sejam elas simbólicas (BRASIL, 2016, p. 192).

Os Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil (1998), recomendam que o trabalho com o eixo Linguagens Visuais integre cotidiano das crianças e que, ao trabalhá-lo, o professor considere a singularidade de cada uma, permitindo que possam se expressar sem comparações. As artes visuais expressam, comunicam e atribuem sentidos e sensações, sentimentos, pensamentos e realidades por meio da organização de linhas, formas, pontos, tanto bidimensional como tridimensional, além de volumes, espaço, cor, luz na pintura, no desenho, na escultura, na gravura, na arquitetura, nos brinquedos, bordados etc.

Ferreira (2015) considera que o contato das crianças com a arte deve incluir apreciação, produção e contextualização, além da argumentação sobre a sua relevância e valor histórico, o que estimula a autonomia da mesma na apropriação artística cultural, oportunizando momentos de interação, despertando a curiosidade e a sensibilidade e ampliando seu conhecimento cultural e artístico.

Gobbi (2010, p. 5) critica a forma como o trabalho mecânico com as manifestações artísticas das crianças:

As crianças reescrevem a realidade em seus traços e cores. Dessa forma, estar com as crianças, observar, preparar junto com elas espaços privilegiados para se expressarem é algo fundamental que estamos aprendendo e temos que aprender ainda mais. Olhar detidamente seus desenhos pode, de certa maneira, desestabilizar práticas profissionais cuja preocupação encontra-se em pendurar nos varais as criações e nem mesmo dialogar com quem os fez, ou, ainda pior, colocá-los em saquinhos plásticos que emudecem criadores e obras, deixando-os dentro de armários (GOBBI, 2010, p.5).

Para Gobbo (2018), o desenho, a pintura, a colagem são atividades que representam significativamente a característica e a individualidade de cada criança, pois através dessas e outras atividades a criança cria, recria, expõe sua visão de como enxerga as situações à sua volta, organizando a forma de pensar e de se expressar. O ensino de arte amplia a assimilação das diversas formas de expressão, o conhecimento das diversas manifestações culturais, da linguagem artística, da linguagem corporal, e das formas visuais, elementos básicos na prática pedagógica que contribuem para a construção de valores da vida.

Souza (2017) afirma que a arte, por ser ampla em variedades, torna o processo de desenvolvimento da criança mais fácil e prazeroso, pois ela absorve nessa fase tudo o que lhe é apresentado, sendo essencial que o professor trabalhe com o lúdico utilizando variedade de cores e temas.

Para Silva e Lampert (2017, p. 92), é preciso superar as antigas concepções de trabalho com as linguagens visuais:

Possibilitar o questionamento e análise sobre imagens em sala de aula trata-se de uma questão de democratização do saber, e assim, superação do que estava em voga, e que ainda, muitas vezes, é percebido de forma recorrente no contexto escolar. Compreender a imagem na contemporaneidade é exercer reflexão sobre o olhar para o contexto em que se vive, e assim, das visões e leituras de mundo.

A atividade de desenhar, para Souza, (2017), contribui no processo de criar, inventar e imaginar. É uma maneira que as crianças trazem para mediar o cenário do cotidiano com seus desejos, experiências e fantasias. Ler imagens é ler o mundo, o que torna muito importante estimular situações de leitura de textos, imagens e escrita nas aulas de arte, pois esse processo de apropriação, incentiva novos olhares, fortalecendo o aprendizado do contexto histórico representado a partir de determinada obra.

De acordo com Caferro (2011, p. 22), "[...] a pintura é uma das formas da expressão visual e desperta muito interesse nos alunos, a representação plástica da criança nasce na garatuja indo em direção a uma representação cada vez mais próxima da realidade".

Na concepção de Gobbi (2010, p. 2), no desenho, na pintura e na colagem está presente o lúdico, exercendo um papel importante no processo de desenvolvimento. São atividades que desenvolvem a expressão e a afetividade, contribuindo para que tenha percepção visual e trabalhe a imaginação, além de promover entre outras coisas a valorização da cultura. Segundo a autora:

O trabalho que considere as diferentes linguagens das crianças implica, além de elaborar, para elas e com elas, ricos ambientes contendo materiais diversos, que se garanta também a aproximação da arte em suas formas: teatro, cinema, dança, exposições, literatura, música ampliando e reivindicando o direito às manifestações artístico-culturais além do contexto escolar, transpondo-o de modo corrente e constante.

Os trabalhos de recorte, colagem e aplicação, segundo afirmam Silva et al (2006, p. 102), oportuniza que a criança, nos anos iniciais de escolaridade, aperfeiçoe o a coordenação motora, a criatividade e o desenvolvimento da sensibilidade, além de noções de espaços e superfície. De acordo com as autoras, "a justaposição e a sobreposição de figuras ajudam a criança a aprimorar suas noções de orientação espacial, a partir da percepção das partes em relação ao todo"

Sobre as atividades de expressão corporal, para Barreto (2008), a dança na Educação

Infantil é importante, pois é o momento em que a criança trabalha seu corpo, aprende a ouvir o som, percebe o ritmo, adquiri energia. Por meio da dança, as crianças aprendem as sequências rítmicas, espaços temporais e laterais. Ela é uma forma de expressão que ajuda as crianças a explorarem seus sentimentos, além de adquirirem confiança. Dançar promove as misturas culturais e traz benefícios emocionais.
Segundo as diretrizes estabelecidas na BNCC de Arte para o Ensino Fundamental:
A Dança se constitui como prática artística pelo pensamento e sentimento do corpo, mediante a articulação dos processos cognitivos e das experiências sensíveis implicados no movimento dançado. Os processos de investigação e produção artística da dança centram-se naquilo que ocorre no e pelo corpo, discutindo e significando relações entre corporeidade e produção estética (BRASIL, 2016, p. 193).

A dança é uma área privilegiada para que se possa trabalhar, discutir e problematizar a pluralidade cultural em nossa sociedade, como as relações de espaços e danças tradicionais (rituais, populares) e as produções artísticas teatrais (moderno, clássico, contemporâneo). Nela estão contidas as possibilidades de compreendermos, desvelarmos, problematizarmos e transformarmos as relações que se estabelecem na nossa sociedade entre etnias, gêneros, idades, classes sociais e religiões, pois ela derruba conceitos pré-estabelecidos como aqueles ligados à idade e classe social. Nesse sentido, é possível concordar com Gobbi (2010, p.4), ao afirmar que:
Os diferentes grupos indígenas, os quilombolas, os centros urbanos, o meio rural, para citar alguns grupos culturais e sociais, guardam em si manifestações culturais e estéticas, que embora presentes em nosso cotidiano, poucos as conhecem ou veem, sucumbidos que somos pelas mídias que nos impõe padrões de beleza, de modos de comportamento e de pensar, roubando a capacidade de olhar para o diverso que se encontra diante de nós e aprender com isso.

Conforme afirma Pereira (2010), o propósito da prática da dança é a aproximação dos alunos com as mais variadas manifestações culturais, a fim de enriquecer seus repertórios artístico-culturais e ampliar suas referências sobre essa linguagem. De acordo com as recomendações da BNCC para o ensino de arte utilizando a dança como recurso pedagógico:
Ao articular os aspectos sensíveis, epistemológicos e formais do movimento dançado ao seu próprio contexto, os alunos problematizam e transformam percepções acerca do corpo e da dança, por meio de arranjos que permitem novas visões de si e do mundo. Eles têm, assim, a oportunidade de repensar dualidades e binômios (corpo versus mente, popular versus erudito, teoria versus prática), em favor de um conjunto híbrido e dinâmico de práticas (BRASIL, 2016, P. 193).

A dança, de acordo com Chagas (2009), propicia a expressão do ser, sentir e pensar de uma maneira subjetiva, contribuindo para o desenvolvimento da personalidade e da autonomia, promovendo também a socialização, a formulação de conceitos cognitivos e o aprimoramento dos movimentos físicos e respiratórios. Além disso, a apreciação musical coloca a criança em contato com gêneros, estilos, épocas e culturas diversas.
Segundo Matias et al (2013), presente na história como manifestação cultural de povos e nações, a prática da dança promove a interação social, o desenvolvimento rítmico de sequenciação, percepção de tempo, de espaço e o reconhecimento das produções artísticas presentes em todas as culturas.
Para Tocheto e Felisberto (2017), a dança unifica o pensar, o sentir e o movimento, contribuindo para que a criança se situe no espaço, conheça as suas limitações e possibilidades, desenvolva a motricidade, a concentração e a espontaneidade. A dança também incentiva a participação individual ou coletiva, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia e o respeito pela diversidade.
Segundo Oliveira et al (2001, p. 5):
[...] a dança tem uma função pedagógica específica no ensino da Educação Infantil, traduzindo na criação de movimentos criativos e de livre expressão, permitindo que a criança evolua em relação ao seu domínio do

corpo, desenvolvendo e aprimorando suas possibilidades de movimentação, descobrindo novos espaços, formas, superando suas limitações e dando condições para enfrentar novos desafios quantos aspectos motores, sociais, afetivos e cognitivos (OLIVEIRA et al, 2001, p. 5).

A música também se constitui uma ferramenta pedagógica riquíssima dentro do universo das múltiplas linguagens. Conforme Santana (2016), o envolvimento da criança com a música se inicia ainda na fase intrauterina, onde os bebês já convivem com um ambiente de sons provocados pelo corpo da mãe, além da sua voz, via pela qual interage permanentemente com os sons do ambiente onde vivem. Da mesma forma, as cantigas de ninar, as canções de roda, as dos jogos musicais também têm grande importância, pois é por meio das interações que os bebês desenvolvem seu próprio repertório.
Segundo Rodrigues e Bertini (2011), ao estimular áreas do cérebro que aguçam a percepção, a música auxilia no desenvolvimento da sensibilidade, do raciocínio, da concentração, da memória e da coordenação motora da criança. Também é determinante na expressão das emoções, facilitando as relações sociais, o enriquecimento cultural, e auxiliando na construção da cidadania.
De acordo com Jesus (2016, p. 45):
Os bebês e as crianças nos ensinaram que a música, dança, artes visuais e teatro são ferramentas artísticas que viabilizam a brincadeira. Eles pintam o sete, dançam a cadeira, cantam o silêncio e encenam o faz de conta. Tudo é diversão, essa é a maneira prazerosa de aprender, experimentar, pesquisar e explorar.

A Revista Parques Sonoros da Educação Infantil Paulistana, da qual foi extraída a afirmação acima, é um material criado pela Prefeitura de São Paulo a partir da formação continuada oferecida aos professores e realizadas pela Divisão de Educação Infantil desde 2014, nas Unidades de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de São Paulo. O seu conteúdo traz concepções e propostas para o trabalho com a percepção sonora no cotidiano da educação infantil.

De acordo com Gobbi (2010), a importância da música está na brincadeira como conhecimento cultural e como contato com o folclore brasileiro. Porém, a autora afirma que é preciso considerar o contato com outros gêneros musicais originários das demais culturas presentes no mundo, além do conhecimento prévio da criança, produto de seu contexto social, familiar, cultural. Segundo a autora, (2010, p. 12):
[...] a música como linguagem que é, organiza os signos sonoros no espaço e no tempo. Considerando que ela se constitui como um meio de orientar a reflexão do ouvinte sobre o mundo, pode-se afirmar que sua presença entre as crianças é fundamental para que elas possam compreender e construir seu cotidiano e seu mundo a partir da linguagem sonora.

As recomendações da BNCC (2016, p. 194) sobre o ensino de música na educação infantil descrevem a música como uma expressão artística que:
[...] se materializa por meio dos sons, que ganham forma, sentido e significado no âmbito tanto da sensibilidade subjetiva quanto das interações sociais, como resultado de saberes e valores diversos estabelecidos no domínio de cada cultura.
A ampliação e a produção dos conhecimentos musicais passam pela percepção, experimentação, reprodução, manipulação e criação de materiais sonoros diversos, dos mais próximos aos mais distantes da cultura musical dos alunos. Esse processo lhes possibilita vivenciar a música inter- relacionada à diversidade e desenvolver saberes musicais fundamentais para sua inserção e participação crítica e ativa na sociedade.

A música, de acordo com Rodrigues et al (2011), é um patrimônio cultural, já que está associada às culturas de cada época segundo as suas tradições. As referências brasileiras para a valorização da cultura nacional devem ser trabalhadas nas escolas de ensino infantil abrangendo o desenvolvimento de sons e tons e da sensibilidade do aluno, que participa como compositor, intérprete, ouvinte, estimulando o saber e a criatividade. Há, ainda, a possibilidade de se trabalhar

com: rádio, televisão, computador, jogos eletrônicos, cinema, publicidade e outros meios.

De acordo com Caferro (2011), assinada em agosto de 2008, a Lei 11.769 que altera a LDB de 1996, institui a música como conteúdo curricular obrigatório, o que reforça a necessidade de que as escolas utilizem esta ferramenta a fim de assegurar a formação musical dos alunos, com vistas ao exercício da cidadania e o desenvolvimento do aluno no âmbito musical

De acordo com Caferro (2011, p. 27):

Na escola a educação musical facilita a formação do sentimento da cidadania e a compreensão da participação na sociedade, pois o aluno deve sentir o ritmo musical para depois incorporá-lo ao seu dia-a-dia, percebendo assim que a música tem a capacidade de traduzir sentimentos, valores e atitudes, contribuindo então para o processo de aprendizagem e como forma de terapia, como relação sociedade e consumismo, comunicação em massa, sensibilizadora na educação de deficientes auditivos e auxiliadora em psicoterapia, aumentando a espontaneidade dos educandos e dos educadores.

Segundo Matias et al (2013), o desenvolvimento tecnológico levou a música a ultrapassar barreiras, misturando ritmos e sons que propagam a cultura musical das sociedades, possibilitando assim o acesso e a apreciação de diferentes culturas musicais.

Tochetto e Felisberto (2017) consideram que a utilização da música na educação procura propiciar e oportunizar o desenvolvimento estético da criança, não por meio das ações mecânicas que utilizam cantigas infantis conhecidas e decoradas para ocasiões festivas da rotina escolar. Mais do que um simples "cantarolar", o ensino por meio da música deve se constituir de atividades planejadas e contextualizadas com finalidades concretas.

O ensino de música na escola, para Silva (2017), vai além de explorar os diversos ritmos musicais existentes, pois à medida que as crianças aprendem a apreciar e valorizar esses ritmos, aprendem a respeitar a cultura musical histórica que compõem diversidade humana.

Diante desse contexto, para Gobbi (2010), o reconhecimento e a promoção das diferentes linguagens, o domínio dos vários gêneros e as diversas formas de expressão devem compor as práticas pedagógicas na educação infantil. As manifestações artísticas precisam ganhar espaços cada vez maiores nas creches e instituições de educação infantil, a fim de incentivar a curiosidade e a exploração e garantir experimentos que considerem a plurisensorialidade, além de permitir que as crianças se comuniquem via diferentes linguagens, exercendo o protagonismo nas descobertas e nos desafios com os quais se defrontam.

De acordo com Barbosa (1989, p. 181), a formação dos professores de arte nas universidades brasileiras não tem dado aos graduandos a oportunidade de estudar as teorias da criatividade ou disciplinas similares porque estas não são disciplinas determinadas pelo currículo mínimo. Segundo a autora:

Os professores de arte conseguem os seus diplomas, mas eles são incapazes de prover uma educação artística e estética que forneça informação histórica, compreensão de uma gramática visual e compreensão do fazer artístico como auto expressão. Muito aprendizado seria necessário além do que a universidade vem dando até agora. Os professores reagem contra o que não estão preparados para ensinar.

Para Souza (2017), o professor de arte deve atuar como um mediador de saberes, adotando em suas práticas pedagógicas uma metodologia que amplie possibilidades de aprendizagem, o que implica na utilização das diversas modalidades artísticas, proporcionando à criança a compreensão e atuação no mundo em que vive como agente transformador.

De acordo com Tochetto e Felisberto (2017, p. 11152):

A partir do momento em que se compreendem conceitos estéticos, ocorre uma transformação na capacidade de ver, observar, descobrir e analisar os fatos, tornando cada momento de formação humana. Com isso, surgem novas mentes pensantes, dispostas a adentrarem em mundos diferentes do que estão habituados, de enfrentar desafios e

posicionar-se com determinação, procurando caminhos que se desloquem a uma conclusão coerente e abrangente.

Matias et al (2013) alerta para a necessidade de que ocorra, por parte dos profissionais da área, a internalização dos conceitos da proposta curricular do ensino da arte, alinhados à pedagogia triangular que concebe o fazer artístico atrelado às diversas culturas e épocas na formação histórica e sociocultural da humanidade. Para tanto, segundo o autor, são necessárias mudanças na prática do ensino de arte no sentido de que a criança seja o centro do processo educativo, recebendo uma formação que a capacite a intervir de forma crítica, consciente e analítica no mundo.

Segundo Freires et al (2016), é necessário que o ensino da Arte esteja sintonizado com a realidade, dialogando com os fatos sociais. Dessa forma, a aula de Arte deve refletir um ambiente de ideias e discussões que se transformarão em experiências artísticas e sensíveis, permitindo a fruição do processo criador e o desenvolvimento da criatividade e autonomia do sujeito.

Sobre a ação mediadora do professor, Ellwanger (2011, p. 8) afirma que:

O papel do professor como mediador estético depende de sua consciência sobre as questões fundamentais que nas artes se traduzem como elementos sensíveis. A forma, a plasticidade, as cores, as texturas, as combinações que resultam das interações têm uma significação que se exprime diretamente para o corpo, a sensibilidade, o universo imaginário, onde a palavra divide como a imagem admirável onde isto repercute de modo direto e indireto no plano de valores e das atitudes. Pouco adianta para o professor estar informado sobre esta ou aquela metodologia, dominar as informações técnicas e teóricas relativas ao mundo da arte, se ele não souber refletir esteticamente sobre o sentido desta produção.

A autora enfatiza que esta postura requer uma cultura estética e o cultivo da própria sensibilidade por parte do educador, assim como leituras que exigem não só informação sobre arte, como também a criticidade e a sensibilidade ao fazer artístico como experiência prática.

Segundo Gatti (2013), os cursos de formação de professores de Arte no Brasil sofrem a influência das políticas educacionais vigentes no país, que não alteram as estruturas curriculares, operando apenas na sua superfície. As mudanças não operaram alterações na essência das disciplinas, dos currículos e dos cursos, o que exige dos professores uma reflexão profunda sobre a ideologia das políticas em vigor e a postura dos envolvidos.

De acordo com Sardelich (2001, p. 146) sobre a atuação do professor nas aulas de arte:

Para possibilitar a sensibilização do estudante, é necessário que o próprio professor se envolva com ampla gama de experiências artístico-culturais. Somente uma pessoa que mantém viva a curiosidade, parte fundamental dessa condição humana que é o desejo de conhecer, não apagará a qualidade em outras pessoas, senão seus procedimentos se tornam mecânicos. Nós, professores, necessitamos de um espaço que ofereça todas as mídias possíveis: livros, histórias em quadrinhos, CD-Rom, discos, revistas, vídeos, fotos, filmes, computadores, e muitas mais. Saber de química e televisão, cinema e biologia, teatro e música, matemática e literatura, usando, entre outros recursos, todos os bancos de dados com imagens das mais variadas interpretações capturadas via rede mundial de informações. Capturar, agarrar, apanhar, segurar, apoderar-se da oportunidade. Aprender e compartilhar nossas aprendizagens.

Para Freitas (2013, p. 51), devido à complexidade própria dessa área do conhecimento, com linguagens especificas e diversificadas, os conteúdos previstos para o ensino de arte precisa contar com professores especializados e atualizados com as propostas contemporâneas de ensino e aprendizagem que dialogam com as questões atuais e emergentes da sociedade. Não é possível esperar de um professor que não domina sua área de atuação, por mais que ele se dedique e se esforce, alcançar os resultados esperados na sua atuação se ele não possuir a formação adequada ao seu exercício. Conforme o autor:

Embora a discussão sobre a formação de professores no Brasil apareça como uma questão socialmente problematizada, como um campo de discussão e reflexão institucionalizado que tem sido abordado abundantemente por vários anglos na literatura da educação, ainda permanece como um ponto amplo de discussão pela relevância dos aspectos que permeiam a profissionalização docente como: carreira, formação inicial e continuada e os desafios que a categoria enfrenta na sua trajetória.

Para Oltramari (2009, p. 41), assim como o conhecimento teórico, o ensino de Arte exige do educador a sensibilidade e a criatividade como indispensáveis para que ele possa estimular a expressão artística em seus alunos, aguçar sua sensibilidade criadora, explorar materiais e técnicas conhecidas e criar outras. Para enriquecer seu próprio conhecimento o professor deve se especializar, trocar experiências com outros educadores, buscando ampliar seus conhecimentos e sua sensibilidade. O autor afirma que:

Para o exercício da profissão docente, é fundamental que os professores mobilizem os conhecimentos, transformando-os em ação. Portanto, não basta que o professor domine os conhecimentos específicos a ensinar, mas também deve compreender questões envolvidas em seu trabalho com autonomia e coragem para tomar decisões, tendo ainda a responsabilidade para assumir as opções feitas. Isso requer do professor um saber avaliar criticamente a própria atuação no contexto em que atua, interagindo de maneira cooperativa com a comunidade profissional à qual pertence e com a sociedade.

No cotidiano da escola de Educação Infantil, para Pontes (2001), as práticas expressivas com linguagens artísticas voltadas para os mais variados objetivos são instrumentos de comunicação usuais no fazer pedagógico do professor para atender às necessidades de comunicação com as crianças.
Sobre o papel do professor no ensino de arte, Ostetto (2011, p. 6) afirma que:
Aprende-se a gostar, a ver e ouvir, assim como a combinar materiais, a inventar formas, por isso um dos papéis do professor é abrir canais para o olhar e a escuta sensíveis, disponibilizando repertórios (imagéticos, musicais, literários, cênicos, fílmicos), não apenas para a realização de uma atividade, mas, inclusive, cuidando do visual das salas e dos demais espaços da instituição. Como afirma Susana Vieira da Cunha (2005), as imagens disponibilizadas nos espaços educativos são textos visuais, impregnados de significados que direcionam e educam o olhar, oferecem referenciais para o repertório imagético e o pensamento das crianças. Não são simples decoração.

Um dos objetivos do ensino de arte nos currículos é promover o desenvolvimento da criatividade, do potencial artístico e do conhecimento. O ensino de Arte tem a capacidade de modificar continuamente a existência dos alunos, conferindo-lhes habilidades essenciais para o aprendizado e para a sua ampla formação. É importante que o professor que atua na Educação Infantil conheça os objetivos, conteúdos e métodos de ensino que incentivem a formação cultural e artística de seus alunos, valorizando sempre a sua expressividade e o seu potencial criativo. O ensino de arte no currículo escolar deve ser trabalhado de forma contextualizada, transversal e transdisciplinar, com o objetivo de promover uma aprendizagem significativa, assim como a multidimensionalidade na construção de conhecimento.

CONCLUSÃO

A dança, a música, as artes visuais, o desenho, entre outras diversas formas de atividades artísticas se associam ao contexto cultural da criança, pois são elementos muito presentes e significativos no seu meio social e que enriquecem seu conhecimento de mundo. À medida em que a criança entra em contato com a diversidade cultural presente no mundo ela aprende a interpretá-lo a partir da sua própria realidade, o que desenvolve sua capacidade crítica.
O ensino de arte na atualidade representa um grande desafio ao professor, pois a aprendizagem mecânica ainda é priorizada na escola. A arte-educação não se encaixa nas propostas pedagógicas e nos currículos,

indicando que é preciso pensar no ensino de arte como algo revolucionário e desafiador.
A criança, na Educação Infantil, utiliza signos nos seus desenhos, ilustrando o seu modo de ser e estar no mundo, ressignificando o seu espaço cultural. A linguagem dos signos visuais, é mais uma forma que a criança utiliza para se expressar, criando símbolos que representam a sua forma de estar no mundo, explicitando seus pensamentos, imaginação, sua memória e sua linguagem. A música e a dança também são meios que a criança utiliza para se comunicar e que contribuem para os eu desenvolvimento global.
As reflexões decorrentes desse estudo indicam que o professor de arte deve desenvolver uma compreensão crítica de que, além de exigir o uso de diferentes metodologias, o ensino de arte deve estimular o diálogo com diferentes contextos, buscando estabelecer relações e significações que visem a formação e o desenvolvimento integral da criança, num processo permanente de reformulação de conceitos e princípios.
Nesse sentido, é possível afirmar que o ensino de arte na contemporaneidade envolve os modos de conhecer, pensar, se apropriar e de produzi-la de forma contextualizada, fornecendo à criança a oportunidade de ampliar seu repertório cultural e o pensamento crítico sobre o mundo que a cerca.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. Estudos avançados, v. 3, n. 7, p. 170-182, 1989. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000300010>. Acesso em outubro de 2020

BOSCO, M.C. O ensino da Arte Contemporânea. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em:< http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-11072012-124749/pt- br.php>. Acesso em outubro de 2020.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Segunda versão revista. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2016. Disponível em: < http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> . Acesso em: outubro de 2020.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: < https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>. Acesso em: outubro de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010. Disponível em: < https://ndi.ufsc.br/files/2012/02/Diretrizes-Curriculares-para-a-E-I.pdf>. Acesso em outubro de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>. Acesso em outubro de 2020.

CAFERRO, Alessandro Odílio. (2011) A contribuição das aulas de arte no processo educativo e no contexto social dos educandos na escola estadual Emílio de Menezes. Disponível em . Acesso em: outubro de 2020.

CHAGAS, C.S. Arte e Educação: a contribuição da arte para a educação infantil e para os anos iniciais do ensino fundamental. Trabalho de Conclusão de (Graduação em Pedagogia)–Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2009.
Disponível em:
<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/CRISTIANE%20SANTANA%20C HAGAS.pdf>. Acesso em outubro de 2020.

ELLWANGER, M. O ensino da arte na educação infantil: reflexões sobre estética. Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Pós-Graduação em Educação. Criciúma, SC. 2012. Disponível em: < http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/977/1/Marciane%20Ellwanger.pdf>. Acesso em outubro de 2020.

FREIRES, O.P.; TANANTA, E.C.; HOLANDA, P.C.M. A importância do ensino das artes na

educação: Um estudo de caso no 6º ano do ensino fundamental das escolas Maria de Lourdes Rodrigues Arruda, Joaquim Gonzaga Pinheiro e Fundação Bradesco na cidade de Manaus. Anais do XXVI CONFAEB - Boa Vista, novembro de 2016. Disponível em: <ufrr.br › confaeb › index.php › anais › category › 4-artes-visuais>. Acesso em outubro de 2020.

FREITAS, R.L. A Formação do Professor do Ensino de Arte na Escola: Uma Construção no Cotidiano da Disciplina. SCIAS-Arte/Educação, v. 1, n. 1, p. 50-63, 2013. Disponível em: < http://revista.uemg.br/index.php/SCIAS/article/download/409/281.>. Acesso em outubro de 2020.

GATTI, Bernardete A. Educação, escola e formação de professores: políticas e impasses. Educar em Revista, n. 50, p. 51-67, 2013. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104- 40602013000400005&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em outubro de 2020.

GOBBI, M. Múltiplas Linguagens de Meninos e Meninas no Cotidiano da Educação Infantil. Agosto de 2010. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6678 -multiplaslinguagens&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192>. Acesso em outubro de 2020.

GOBBO, G.R. O desenvolvimento da imaginação infantil mediado por gêneros discursivos e objetivado em desenhos e brincadeiras de papéis sociais. Tese de doutorado em Filosofia e Ciências. Unesp. Marília, SP. 2018. Disponível em: < https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos- Graduacao/Educacao/Dissertacoes/gobbo_grr_do_mar.pdf>. Acesso em setembro 2020.

KLAUSEN, Adriana Paula Nunes Siqueira. O ensino de artes visuais: algumas possibilidades na aprendizagem da arte em alunos com necessidades educativas especiais. 2013. Disponível em: < https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/67185>. Acesso em set. 2020.

OLIVEIRA, R. C. & MUZEL, A.A., & SANTOS M.S. (2014). A importância da dança na educação infantil: Revista Científica Eletrónica de Ciências Aplicadas da FAIT. 4ª (ed.). Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.faip.edu.br/noticia/49/sobre-a- editora-faef>. Acesso em set. 2020.

OLTRAMARI, Daniel Castro et al. A disciplina de arte na escola pública: a constituição dos sujeitos professores de artes visuais. 2009. Disponível em: < https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/92714>. Acesso em outubro de 2020

OSTETTO, L.E. Educação Infantil e Arte: Sentidos e Práticas Possíveis. Universidade Federal de Santa Catarina - Centro de Ciências da Educação, 2011. Disponível em:

<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/320/1/01d14t01.pdf>. Acesso em outubro de 2020.

PEREIRA, M. V. Educação e arte: a consolidação de um campo interminável. Revista Iberoamericana de Educação, número 52 - monográfico "Educación Artística" - jan./abr. 2010). Disponível em: < Perehttps://rieoei.org/historico/documentos/rie52a03.pdf>. Acesso em set. de 2020.

PONTES, G.M.D. A Presença da Arte na Educação Infantil: Olhares e Intenções. Dissertação de Mestrado em Arte. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Natal, 2001. Disponível em:
< http://arquivos.info.ufrn.br/arquivos/20161801314b7533823722d-ce25989f46/Disser tao_de_Gilvnia_Pontes.pdf>. Acesso em outubro de 2020.

SANTANA, S.R.M. A música como instrumento no processo de ensino aprendizagem na educação infantil. 2016. Disponível em: < https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/1849/1/SRMS27062016>. Acesso em setembro 2020.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Divisão de Educação Infantil. Parques sonoros da educação infantil paulistana. – São Paulo

: SME / COPED, 2016. Disponível em: < http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/33311.pdf>. Acesso em outubro de 2020.
SARDELICH, Maria Emilia. Formação inicial e permanente do professor de arte na educação básica. Cadernos de pesquisa, n. 114, p. 137-152, 2001. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742001000300006&script=sci_arttext>. Acesso em outubro de 2020.

SILVA, T.G.; LAMPERT, J. Reflexões sobre a Abordagem Triangular no Ensino Básico de Artes Visuais no contexto brasileiro. Matéria-prima, v. 5, p. 88-95, 2017. Disponível em: < https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/28262/2/ULFBA_MatPrima_V5N1_p.88-
95.pdf>. Acesso em outubro de 2020.

SILVA et al. Fazendo arte para aprender: A importância das artes visuais no ato educativo. Pedagogia em ação, v.2, n.2, p. 1-117, nov. 2010. Disponível em: < http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/4850/5029>.
Acesso em set. de 2020
SOUZA, F.P. A importância da disciplina de Arte na educação: Capacidade e criatividade das crianças. Universidade de Brasília. Licenciatura em Educação do Campo. Planaltina, DF. 2017. Disponível em:
< http://bdm.unb.br/bitstream/10483/19586/1/2017_FernandaPatriciadeSouza.pdf>. Acesso em outubro de 2020.

TOCHETTO, A. FELISBERTO, G.S.F. O Ensino de Arte e a sua Finalidade: Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Anais do XIII Congresso Nacional de Educação. Curitiba, PR. 2017. Disponível em: < https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23809_11871.pdf>. Acesso em out. 2020.